



**O ENSINO DE HISTÓRIA:
possibilidades nas práticas interdisciplinares**

Maria Neusa G. Gomes de SOUZA¹

RESUMO

Este texto nasceu a partir das leituras do “Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar de Professores”, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no Campus de Aquidauana, em 2014. Integro a linha de pesquisa Diversidade Cultural. Minha intenção é apresentar uma pesquisa em andamento sobre a prática de ensino de História iniciada em 2013. Mostro “o lugar de onde falo” meu campo de atuação no curso de História, e trago algumas perspectivas interdisciplinares para o ensino. Como metodologia de pesquisa foi aplicada com um questionário com perguntas a vinte professores de História que responderam as questões; para análise das respostas utilizei os quadros Fenomenológicos e a Hermenêutica. Os resultados pelas categorias abertas encontradas foram: **criar, renovar, dedicar, ajudar, conhecer, estimular e carinho** desvelando o sentido e significado da prática dos professores. Encerro apresentando algumas possibilidades de ação interdisciplinar. São referenciais teóricos: I. Fazenda (2010); M. Bloch (2002); L. Febvre (1985); M. Gadotti (1992); E. Morin (2004) entre outros.

Palavras-chave: Ensino. Diversidade cultural. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

This text was born from the readings of the "Group of Interdisciplinary Studies and Research in Teacher Training", of the Federal University of Mato Grosso do Sul, in the Aquidauana campus in 2014. In the line research Cultural Diversity. My intention is to present ongoing research about the practice of teaching history started in 2013. Show "the place from which I speak" my field the course of history and bring some interdisciplinary perspectives for teaching. As research methodology was applied a questionnaire to twenty history teachers who answered the questions; for analysis of responses used the Phenomenological Hermeneutics and the frames. The result for the open categories was: create, renew, engage, help, know, stimulating and caring reveals the meaning and significance of practicing teachers. I conclude by presenting some possibilities for interdisciplinary action. Are theoretical frameworks: I. Fazenda (2010); M. Bloch (2002); L. Febvre (1985); M. Gadotti (1992); E. Morin (2004) among others.

¹ Professora efetiva do curso de História no campus de Aquidauana/Mato Grosso do Sul na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Membro do grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar do Professor - GEFPFIP / Coordenadora da Linha de pesquisa Diversidade Cultural. Pesquisadora da História e Cultura. E-mail: mnggs@hotmail.com



Keywords: Education. Cultural diversity. Interdisciplinary.

1 INTRODUÇÃO

Gadotti (1992) afirma que a educação e a cultura na sociedade brasileira têm necessidade de uma abordagem multicultural e considera as múltiplas dimensões da educação devido à diversidade cultural existente, oriunda do processo histórico-social brasileiro. Desde o descobrimento houve o cruzamento de culturas oriundas do encontro e choques entre os colonizadores portugueses, índios e negros. Historicamente o Brasil é uma nação pluriétnica, com o predomínio da cultura eurocêntrica, em detrimento da cultura que os negros trouxeram e a do indígena da terra. Creio na educação que considera os contextos, as culturas, a diversidade.

Este texto nasceu a partir das leituras do “Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar de Professor (GEPFIP)”, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (GEPFIP), Campus de Aquidauana (CPAQ), em 2014. A Diversidade Cultural é o meu interesse maior entre outras possibilidades de aprofundamento de estudo e pesquisa no grupo. Minha intenção aqui é apresentar uma pesquisa da prática de ensino, onde buscamos desvelar a essência do Ser em seu contexto, em sua práxis; desvelando como o professor se sente e o que pensa. A Pesquisa está em andamento com análises preliminares. Esclareço “o lugar de onde falo”, meu campo de atuação: o ensino de História e pretendo trazer algumas contribuições em ações interdisciplinares para o ensino. Pesquisar as práticas de ensino nos possibilita a conexão das teorias com a realidade neste campo dinâmico.

A origem sócio-histórica do Brasil explica a diversidade na nossa realidade; diversidade religiosa, cultural, social, cultura do negro e do indígena etc. Diversidade social que se manifesta em suas múltiplas expressões, presente na dialética dos ricos e pobres, nas condições de vida, nas oportunidades de estudo, de trabalho e profissionalização. Presente nas formas de expressões, linguagens, manifestações e representações culturais do povo, garantidas por lei. Assinado em 02 de agosto de 2007, pelo presidente do Brasil, o decreto nº 6.177, de 1º de agosto de 2007 promulgou a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, assinada em Paris, em 20 de outubro de 2005 na 33ª reunião da Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura. A Convenção define que a Diversidade Cultural



refere-se à multiplicidade de formas pelas quais as culturas dos grupos e sociedades encontram sua expressão. Tais expressões são transmitidas entre e dentro dos grupos e sociedades. A diversidade cultural se manifesta não apenas nas variadas formas pelas quais se expressa, se enriquece e se transmite o patrimônio cultural da humanidade mediante a variedade das expressões culturais, mas também através dos diversos modos de criação, produção, difusão, distribuição e fruição das expressões culturais, quaisquer que sejam os meios e tecnologias empregados. (BRASIL, 2007).

Sendo assim, como Moacir Gadotti (1992) creio que a educação contemporânea tem a necessidade de ser multicultural para atender a demanda populacional; podendo ser interpretada como a educação que respeita e valoriza as diferenças socioculturais. Segundo ele:

A Diversidade Cultural é a riqueza da humanidade. Para cumprir sua tarefa humanista, a escola precisa mostrar aos alunos que existem outras culturas além da sua. Por isso, a escola tem que ser local, como ponto de partida, mas tem que ser internacional e intercultural, como ponto de chegada. (...) Escola autônoma significa escola curiosa, ousada, buscando dialogar com todas as culturas e concepções de mundo. Pluralismo não significa ecletismo, um conjunto amorfo de retalhos culturais. Significa sobretudo diálogo com todas as culturas, a partir de uma cultura que se abre às demais. (GADOTTI, 1992, p. 23).

Na tentativa de dialogar com as culturas, as concepções de mundo e as ciências apresento dois autores clássicos da História, Bloch (2002) e Febvre (1985), para que possam compreender “de que lugar eu falo” conforme o conceito de Bourdieu e Passeron (1975) - o meu “lugar” é a História,

Bloch não definiu História, afirmou que toda definição é prisão. Para ele a História devia transitar por outras áreas do conhecimento para se conhecer outras perspectivas. Também criticou a divisão clássica e linear da história factual, com ênfase nos vencedores, na elite. Era contra este entendimento que prejudicava a compreensão dos desdobramentos, das continuidades e descontinuidades históricas. Para ele, conhecer a história unicamente na perspectiva Europeia limitava o conhecimento. A nosso ver não revendo a História a “**contrapelo**” como diz Benjamim (1987), a dialética fica impossibilitada. Sobre a História ser uma ciência do passado, ele questionou o fato do passado ser o objeto, dizendo que o objeto é o Homem no tempo em continua transformação e não o passado. A História é toda social e cheia de contradições. Toda História transmitida é escolha, selecionada por pessoas e precisamos trabalhar de acordo com o movimento do nosso tempo. Nesta visão “a História é acima de tudo a explicação do presente pelo passado” (BLOCH, 1998, p.



296) e ao mesmo tempo o historiador no seu presente com a resignificação do passado.

Febvre (1985) também concorda sobre a importância em se estabelecer alianças entre as disciplinas e que também podemos analisar um assunto á luz de varias ciências, e inclusive utilizar os métodos delas. Estes procedimentos fornecem uma amplidão às visões, ao conhecimento interdisciplinar, multicultural. As compartimentações e fronteiras foram oriundas do positivismo de Comte.

Considerando que estas ideias avançadas são da obra de Bloch e de Febvre escritas originalmente em 1949 e 1953, clássicos da Historiografia; ressalto a atualidade das ideias e a visão avançada para seu tempo às quais acato.

Desejo compartilhar a experiência da pesquisa em andamento, referente à ação do professor de História em sua complexidade do ensino; ensejando posteriormente sinalizar com algumas possibilidades nas ações práticas interdisciplinares. Assim a nossa pretensão será a compreensão do sentido e atuação do professor de História na nossa realidade, segundo a orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais os quais prioriza o estudo do particular, local, o contexto geo-histórico. A base de nosso diálogo se dará a partir da “*pesquisa da prática*”, o trabalho desenvolvido nas aulas. A experiência foi realizada durante as aulas de Prática de Ensino em História I e II, no curso de História, com alunos do primeiro e segundo período, no ano de 2013, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em Aquidauana/MS.

Nas aulas de Prática de Ensino não há como não abordar as problemáticas referentes à carreira do professor, como suas implicações com a sociedade atual. São conhecidas na área da educação as dificuldades provenientes dos diferentes setores: governamental, estrutural, organizacional, local, pessoal, material etc., mas a que pretendo focar seriam as dificuldades no dia a dia escolar, nas relações entre professor e aluno.

Nas aulas, sempre lemos e debatemos eu e alunos vários textos, artigos e livros relacionados à educação, ao ensino em geral e ao ensino de História em particular; sobre a relação ensino- aprendizagem, as teorias e métodos. Observei a necessidade de uma conexão mais direta com os atores sociais de nossas reflexões, reivindiquei aos alunos que realizassem uma pesquisa no contexto das cidades de Aquidauana e Anastácio. A pesquisa se deu na primeira etapa com o seguinte procedimento, os alunos da universidade aplicaram um questionário com perguntas a vinte professores de História de escolas públicas do ensino fundamental e médio, com questões complexas a serem respondidas, de ordem particular ou relativa ao exercício da profissão. Assim



poderíamos a partir da realidade dialogar sobre as respostas realizando um resumo das ideias ou síntese de tal realidade. Nas datas marcadas os alunos foram trazendo seus materiais coletados e começamos a ler juntos todas as perguntas e respostas. Este trabalho levou algumas semanas, porque o grupo era grande e havia muito material a ser desvelado e compartilhado. Conforme fomos lendo nos animamos ou desanimamos conforme os resultados encontrados. Cada aluno que pesquisou transmitia um sentimento particular ao término da pesquisa.

Quando fomos abrindo “as caixas de surpresas” das respostas dos professores de História fomos reconhecendo que apesar das dificuldades apresentadas, para nossa surpresa, constatamos a maioria de professores dedicados em sua função e nos animamos. Sabemos que existem professores que falham ao ensinar, falham pelo desânimo, desinteresse, esgotamento, negativismo, intolerância, dificuldade nas relações interpessoais, falhas na educação, no exemplo, na preparação das aulas etc. associando isto aos baixos salários e a desvalorização do professor no Brasil a situação não é encorajadora.

Ricoeur (apud MORIN, 2004) comenta sobre uma das dificuldades dos professores em relação ao ensino, a falta de conexão e a transposição didática dos conteúdos com a realidade e o cotidiano no ensino de História:

Como ligar o ensino de História á preocupação com o presente e com o futuro que os adolescentes podem experimentar? Essas questões colocam-se na realidade porque a História, aquela que os historiadores contam e tentam explicar e interpretar parece estrangeira ao que os homens fazem e experimentam. (RICOEUR apud MORIN, 2004, p. 56).

O autor chama esta História ensinada de “estrangeira” aos alunos, comparando a algo que não é nosso, é de outro lugar, que não conhecemos bem. Ele compara o conhecimento recebido pelos alunos a esta situação. Poderíamos afirmar que para o assunto não ser “**estrangeiro**” o professor ao explicar o conteúdo, não deve ocultar o lugar histórico e social de onde fala, apresentando determinado contexto como se sobrevoasse o assunto do alto, em visão global, sem comprometimento com o momento político e social. Dessa forma o aluno não recebe, não entende o conteúdo e fica alienado, não desenvolve a capacidade crítica.

A sociedade, a mentalidade e o comportamento mudam ao longo de tempos, de forma acelerada, as tecnologias se alteram ano a ano; as teorias da educação ganham ou perdem sua primazia, os métodos são variáveis; mas o homem continua com as mesmas



necessidades subjetivas, a essência é a mesma é o Ser no mundo. Um ser complexo, inteiro com necessidades materiais, espirituais e emocionais. O professor precisa buscar mudanças urgentes para poder acompanhar a dinâmica do tempo e da humanidade. O ensino não substitui a importância da família na vida dos alunos, a família é insubstituível para a formação do caráter, dos valores, parceira na formação dos sujeitos.

As aulas de História deveriam contribuir para um ensino prazeroso, trazendo sentido para a vida, formando cidadãos atuantes e pensantes. Os conteúdos no ensino da História posso dizer que são interdisciplinares, porque sobre uma mesma sociedade em determinado período nós temos a possibilidade de aprender tópicos de filosofia, sociologia, economia, literatura, geografia, política etc.

2 METODOLOGIA

As perguntas selecionadas foram: **1- Que tipo de metodologia você usa no ensino da História? 2- O que é bom e ruim em ser professor? 3- Como despertar o interesse dos alunos?**

Quadro 1 – Análise da Fenomenologia – Respostas

UNIDADES DE SIGNIFICADO	CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS/REDUÇÕES ASSERÇÕES	CATEGORIA ABERTA
20 sujeitos	1) pesquisas, livros, revistas, musica, documentários, slides, jornais, mapas; buscar novas alternativas.	1) renovar no ensino, obter resultado positivo
S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7, S8, S9, S10, S11, S12, S13, S14, S15, S16, S17, S18, S19, S20	2.1) BOM - trocar experiências, o resultado positivo, poder ensinar, dedicação, aprender sempre, o respeito por nos. 2.2) RUIM- falta de apoio do governo, alguns contratemos no dia a dia, quando sinto que falhei, jornada dobrada, indisciplina, mal remunerados, falta de respeito, não somos valorizados.	2) Desvalorização
20 Sujeitos	3) Aulas criativas, estimular a participação, carinho, inteligência, conhecer a vivência do aluno, estar pronto a ajudar, ter ânimo, mostrar as regras, simpatia, dominar o assunto, respeito. Renovar foi a palavra mais usada.	3) Se dedicar, carinho, ajudar, estimular, conhecer os alunos, renovar.

Legenda: S= Sujeitos

Fonte: Elaborado pela autora.



Selecionei 20 sujeitos (S1 a S 20). Responderam as três perguntas selecionadas. Os sujeitos foram treze do sexo feminino e sete masculinos, todos trabalham em Aquidauana e Anastácio/MS. Utilizei os quadros de análises Fenomenológicas que passam pela seleção do discurso, realização das convergências temáticas e as reduções a categorias finais.

Em três etapas: 1) discursos; 2) convergências temáticas; 3) reduções em categorias. As três respostas pela convergência da maioria:

1ª Resposta - utilizam pesquisas, livros, revistas, música, documentários, slides, jornais, mapas; precisam buscar novas alternativas.

2ª Resposta–2.1 - O bom: trocar experiências, o resultado positivo, poder ensinar, dedicação, aprender sempre, o respeito por nós; **2.2 - O ruim:** falta de apoio do governo, alguns contratemplos no dia a dia, falhar, jornada dobrada, indisciplina, mal remunerados, falta de respeito, não somos valorizados.

3ª Resposta - Aulas criativas, estimular a participação, carinho, inteligência, conhecer a vivência do aluno, estar pronto a ajudar, ter ânimo, mostrar as regras, simpatia, dominar o assunto, respeito e renovar as práticas.

Cheguei às seguintes categorias abertas das três respostas:

- 1) **Criar e renovar no ensino, obter resultado positivo (metodologia)**
- 2) **Desvalorização, desrespeito (problema)**
- 3) **Se dedicar, carinho, ajudar, estimular, conhecer os alunos.(relacionamento)**

3 ANÁLISES

Observei que as categorias finalizadas, com exceção da resposta de numero dois que caracteriza um problema da profissão sobre a desvalorização e falta de respeito pelas pessoas em geral; todas as outras respostas se referem às relações interpessoais e subjetivas entre professores e alunos.

Pela Fenomenologia buscou-se a essência na experiência vivida, o sentido individual, a subjetividade emocional, por meio do relato, da palavra. Almejei nas interpretações o sentido e significado hermenêutico que remete ao sujeito buscando



desvelar como ele é, como ele sente; e não quem ele é, busca-se a elucidação e compreensão de si, a busca do Ser. A intenção foi conhecer sobre a prática a partir de como os professores a percebem e sentem.

As categorias abertas encontradas desvelaram as palavras **criar, renovar, dedicar, ajudar, conhecer, estimular e carinho**. Declaradas pela maioria dos professores; dizem respeito à necessidade de uma educação humanizada onde pessoas precisam se envolver, ser estimuladas, ajudadas, “olhadas” em sua individualidade. Nestas categorias constatou-se a lacuna, a dificuldade, a necessidade de mudança nos aspectos interpessoais.

A escola é o local dos sujeitos desenvolverem suas potencialidades, a dimensão artística, os valores culturais no grupo e sociedade. Como Bloch creio que o ensino tem a possibilidade da mudança e se altera porque surgem novas experiências interpretativas e não podemos limitar os caminhos. Ser professor não é somente na atividade da sala de aula, mas é condição permanente, resposta para compreender o mundo e o presente. O homem é ator e espectador na sua vida e na sua história. Acredito no estudo cujo objeto é o homem no tempo, em continua e perpetua transformação. Por isso a investigação com professores e o trabalho com os alunos. Dessa forma oportuniza a constatação do que afirma Fazenda (apud SILVA, 2013) “A interdisciplinaridade decorre mais do encontro entre indivíduos do que entre disciplinas”.

A Interdisciplinaridade como teoria é voltada para ação, dinâmica e aplicada oriunda de estudos da Teologia, da Fenomenologia com base na Antropologia Filosófica. Ela indica a religação dos saberes, o cruzamento entre disciplinas uma interação plenamente aplicável à prática de sala de aula. A educação, a ação Interdisciplinar é uma forma de compreender e tentar mudar o mundo, o homem é agente de sua realidade. A Interdisciplinaridade orienta sobre viver a própria aprendizagem e possibilita a aprendizagem significativa, provoca a reflexão sobre a ação. “Interdisciplinaridade não se ensina, nem se aprende, vive-se, exerce-se” afirma Fazenda (2002).

4 CONSIDERAÇÕES

Creio que professores adquirindo conhecimentos interdisciplinares para as relações interpessoais no ensino eles poderão desenvolver aspectos como a observação acurada, o diálogo, a busca da subjetividade, o conhece- te a ti mesmo e ao outro.



Existem cinco princípios gerais para o trabalho interdisciplinar: a humildade, a coerência, a espera, o respeito, o desapego, complementados pela ousadia e afetividade nas trocas intersubjetivas diz Fazenda, (2001). Com esses princípios poderão buscar suprir as categorias encontradas nas pesquisas: **criar, renovar, dedicar, ajudar, conhecer, estimular e carinho.**

A ação nesse sentido gera movimento dinâmico e trocas significativas; recupera-se a memória, considera-se o tempo e o espaço do sujeito, as histórias de vida, registram ações e reações e analisam potenciais. Todas estas iniciativas cabem plenamente às categorias abertas encontradas elas vêm preencher uma carência percebida pelos professores no sentido de ajudar, dar carinho, estimular, conhecer, saber a historia de vida, renovar, olhar, ouvir para que a aprendizagem ocorra de maneira favorável. Morin (2002) afirma em seus estudos a busca da renovação da educação para o século XXI, com a necessidade da religação dos saberes, aliada a atitude interdisciplinar **“que se vive e não se ensina”** como diz Fazenda (2004).

A pesquisa traz uma realidade e uma necessidade de apoio, orientação, renovo nas práticas. À medida que os professores adquirirem os conhecimentos interdisciplinares, com o ensino da História em perspectivas multiculturais, ocorre o renovo no contexto educacional e social. A Interdisciplinaridade está aí para ser vivida em sala de aula; com todos os fenômenos decorrentes dessa prática; com subsídios para um ensino com novo sentido e significado para professores e alunos.

Espero ter contribuído de alguma forma com estes estudos preliminares. Busquei a essência na existência através do desvelamento do Ser professor para conhecer em parte sobre as praticas no contexto atual. Há muito caminho para se percorrer e o alvo só se torna possível de alcançar no caminhar, mas a grande aventura ocorre nas descobertas do trajeto! Ao trabalho!

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. Obras escolhidas. v. 1.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos.** São Paulo: Cortez, 2004.

BLOCH, M. L. B. **Apologia da História ou O ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.



BLOCH, M. L. B. (Org.). **História e Historiadores**: textos reunidos por Étienne Bloch. Lisboa: Editorial Teorema, 1998.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: Ensino de História e Geografia. Brasília/DF: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Decreto n. 6.177, de 1º de agosto de 2007. Promulga a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, assinada em Paris, em 20 de outubro de 2005. **Diário Oficial da União**, Brasília/DF, 2 ago. 2007. Seção 1, p. 3-6.

DARTIGUES, A. **O que é Fenomenologia?** Tradução de Maria José de Almeida. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

FAZENDA, I. **A teoria fecunda e a prática difícil da Interdisciplinaridade**. Texto GEPI. PUC/São Paulo. 2010.

FAZENDA, I. Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade na formação de professores. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa e Administração**, v. 1, n. 1, p. 24-32, maio 2009.

FAZENDA, I. (Org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 2002.

FEBVRE, L. **Combates pela História**. 2. ed. São Paulo: Presença, 1985.

GADOTTI, M. **Diversidade cultural e educação para todos**. Rio de Janeiro: Graal, 1992. p. 23.

GUIMARÃES, S. **Didática e prática de ensino de História**: experiências reflexões e aprendizado. 13. ed. rev. e ampl. Campinas: Papyrus, 2012. (Coleção magistério formação e trabalho pedagógico).

MORIN, E. **A religação dos saberes**: o desafio do século XXI. São Paulo: Bertrand Brasil, 2004.

RICOEUR, P. **Conflito das Interpretações**. Porto/Portugal: Rés., 1988.

SILVA, A. L. G.; TELLES, B. M.; PASQUALUCCI, L. Diálogos Construídos no GEPI/PUC/SP com base no tripé Interdisciplinar: arte-educação, afetividade e fenomenologia. **Revista Interdisciplinaridade**, São Paulo, v.1, n. 3, 2013.

SILVA, Marcos A.; FONSECA, Selva G. **Ensinar História no século XXI**: em busca do tempo entendido. Campinas (SP): Papyrus, 2007.

SOUZA, Maria Neusa G. Gomes de. O ensino de história: possibilidades nas práticas interdisciplinares. **Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPFIP**, Aquidauana, v. 1, n. 1, p. 148-157, out. 2014.